



FILOSOFIA E SAÚDE: AS ENFERMIDADES DO HOMEM EM HIPÓCRATES E PLATÃO

Fernando Holanda Vasconcelos¹

José Carlos de Freitas²

RESUMO

Este artigo busca mostrar a íntima relação entre filosofia e medicina na Grécia antiga, através das doutrinas de Platão e Hipócrates, e o seu alcance universalizante sobre os cuidados com o ser humano total. Para isso buscou, por meio de uma pesquisa bibliográfica, entender o pensamento médico de Hipócrates de cura do corpo como doador de paradigmas para a concepção socrático-platônica de filosofia como cura da alma. Procurou, também, comparar a concepção antiga da Saúde, holística, com a concepção moderna atual, reducionista.

Palavras-chave: Filosofia e medicina. Platão. Hipócrates. Filosofia e Saúde.

¹ Acadêmico do curso de Enfermagem do Centro Universitário UnirG. Bolsista de Iniciação Científica pela Pró-reitoria de Pesquisa\UnirG. fernando_h_vasconcelos@hotmail.com.

² Mestre em Literatura Brasileira. Filósofo. Professor Adjunto do Centro Universitário UnirG.

PHILOSOPHY AND HEALTH: DISEASES OF MAN IN HIPPOCRATES AND PLATO

ABSTRACT

The goal of this study is to demonstrate the relationship between philosophy and medicine in Old Greece, through the doctrines of Plato and Hippocrates, and its scope of universalizing the caring about the total human being. For that we sought, through literature review, to understand Hippocrates' medical thinking on body healing as a donor of paradigms for the Socratic-Platonic conception of philosophy as cure for the soul. We also sought to compare the old holistic conception of health and the current modern reductionist conception.

Keywords: Philosophy and medicine. Plato. Hippocrates. Philosophy and Health.

1 INTRODUÇÃO

A medicina, antes de Hipócrates, era concebida muito mais como atividade religiosa do que como conhecimento científico. As curas eram realizadas através de ritos mágico-religiosos, quando doentes eram levados aos templos para serem curados a partir dessas práticas. Os médicos eram também sacerdotes. A mitologia conta que o centauro Quíron usava dessas práticas para ensinar aos homens a arte de curar. Um de seus discípulos foi o deus da Cura, Esculápio, chamado de “médico” e “salvador”, filho de Apolo e órfão de mãe. Esculápio, assim como suas filhas Hygéia e Panacéia, tem como símbolo a serpente. Esta também teria colaborado na formação de Esculápio, ensinando-lhe a arte de ressuscitar os mortos.

A origem mitológica da Medicina é testemunhada pelos lugares onde os templos em honra a seu deus foram erigidos. Normalmente, buscavam-se lugares de climas salubres para a edificação desses templos. Para esses templos eram conduzidos os doentes para sua purificação. Concomitantemente, passaram a exercer a medicina, em tendas ao redor dos templos de Esculápio, os médicos leigos, baseados em experiências

repassadas por seus antecessores. Suas práticas eram exercidas em tendas fixas ou em viagens. Para a preparação desses médicos surgiram escolas, onde se destinavam o maior número de doentes e casos patológicos.

Entre as maiores escolas, foi Cós que mais se destacou, pelo fato de Hipócrates pertencer à mesma. Hipócrates concedeu à medicina a estatura de “ciência”, ao contrário dos médicos anteriores. REALE e ANTISERI deixam claro que medicina como ciência não nasceu das práticas sacerdotais, e sim, das experiências dos médicos leigos das escolas médicas da antiguidade.³

Neste contexto, JAEGER afirma que medicina jamais teria conseguido chegar ao status de ciência, sem as investigações dos primeiros filósofos jônicos da natureza que tornaram a medicina grega uma arte consistente e metódica.⁴ Estes filósofos com “mentalidade científica” usavam de um olhar imparcial sobre as coisas e da força do conhecimento racional para procurar uma explicação natural para todos os fenômenos. Eles remetiam

³ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*, I. São Paulo: Paulus, 2007, p.111.

⁴ JAEGER, Werner. *Paidéia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1003.

cada efeito a uma causa e revelavam, na cadeia de causas e efeitos, uma ordem universal.

Assim sendo, este artigo busca estudar a relação entre a Medicina antiga e a Filosofia Grega, particularmente a platônica, levando em conta aquilo que os dois campos determinam para si sobre o que seja uma enfermidade humana. O artigo se orienta por questões epistemológicas, por acreditar, como referem os autores, que as duas ciências são interdoaras de paradigmas para suas considerações, dentro de uma visão antropológica dualista, ou seja, a que concebe o homem enquanto composição de corpo e alma.

Apesar de ser uma temática antiga – Epicuro já se referia à Filosofia e à Medicina como fontes de terapia das enfermidades humanas – poucos são os autores que fizeram disso um assunto exclusivo. Pelo menos no Brasil, publicações sobre o assunto são escassas. Além de umas sessenta páginas de um capítulo do clássico de Werner Jaeger – *A medicina como Paidéia* – e da obra *Corpo, Alma e Saúde* de Giovanni Reale e das pesquisas do médico Ivan Frias, quase nada há sobre a relação Filosofia e Saúde. Recentemente, o filósofo André

Martins orienta pesquisas, neste sentido, mas nas filosofias de Espinoza e Nietzsche. Há uma literatura filosófica substancial no que concerne ao cuidado e à atenção ao enfermo, assim como no caso da finitude humana e seu impacto sobre o íntimo das pessoas e das culturas. No entanto, sobre a literatura grega antiga sobre o tema, os autores são, de fato, recorrentes. O artigo está, portanto, baseado fundamentalmente no estudo e afirmações de Werner Jaeger, Giovanni Reale, Dario Antiseri, Ivan Frias, além das obras de Platão e textos de Hipócrates.

2 A MEDICINA HIPOCRÁTICA

Hipócrates viveu nos séculos V e IV a.C., tendo nascido por volta de 460 e morrido em 370 a.C. Praticou medicina na ilha de Cós, viajou como médico itinerante na Grécia continental, na Grécia do norte e em Atenas, onde Platão e Aristóteles o consideraram como o paradigma do grande médico. Ele ficou tão famoso que seu nome e seus livros foram incorporados à coleção de sessenta tratados médicos da antiguidade, por volta dos 450 e 300 anos a.C., o *Corpus Hippocraticum*, que representa uma das mais importantes documentações científicas da antiguidade.

A elevação da medicina ao status de Ciência é mérito de Hipócrates, porém, para que isso ocorresse, a medicina teve que se distanciar da filosofia para não ser por ela absorvida. Em *Medicina Antiga*, um dos mais prováveis livros de Hipócrates do *Corpus hippocraticum*, ele considerava nociva a teoria de Empédocles que usava os quatro elementos (água, ar, terra e fogo) para explicar a saúde e a doença, a vida e a morte, já que obedeciam a fatores internos do organismo, pois tudo era formado por eles.

REALE e ANTISERI citam um trecho argumentado por Hipócrates, em que o mesmo se mostra contrário ao postulado quente e frio, úmido e seco:

Estão profundamente em erro todos os que puseram-se a falar ou escrever sobre medicina fundamentando o seu discurso em um postulado quente e o frio, o úmido e o seco ou qualquer outro que tenha escolhido, simplificando em excesso a causa original das doenças e da morte dos homens, atribuindo a mesma causa a todos os casos porque se baseiam em um ou dois postulados.⁵

Porém, Hipócrates cria que esses fatores alteravam o binômio saúde e doença de forma variada e articulada, porque acreditava que, na natureza, tudo está *junto e misturado*. Ele se baseava na teoria de Anaxágoras em que tudo

está em tudo, ou seja, tudo era junto e misturado, um tipo de caos.

A doutrina médica de Hipócrates foi-nos referida principalmente pelo trabalho de seu genro e discípulo Políbio, a quem é atribuído o tratado *Sobre a natureza do homem*. Este tratado desenvolvia a teoria dos quatro humores: fleuma, sangue, bile amarela e bile negra. O estado de saúde do homem estaria na quantidade e qualidade, na temperança dos quatro humores e se sua mistura fosse harmoniosa. No entanto, estaria doente quando houvesse excesso ou carência deles, ou quando acontecesse um isolamento desses humores.

A doutrina dos quatro humores tinha uma similaridade com as teorias de dois filósofos antigos: Alcmeón de Crotona e Empédocles de Agrigento, como descreve FRIAS:

A *doutrina humoral* apresenta em relação às teorias de Alcmeón de Crotona e de Empédocles de Agrigento uma evidente similaridade. Alcmeón identificava o estado de saúde com a harmonia das potências que formam o corpo (quente/frio, seco/úmido, doce/amargo etc.) e o estado de doença, com a monarquia de uma delas. Empédocles afirmava que a natureza é constituída por quatro raízes primordiais (água, fogo, terra e ar). Assim, o autor do tratado *A natureza do homem*, ao elaborar sua própria doutrina, assimila elementos que estão presentes em uma teoria médica e em uma teoria filosófica. Todavia a doutrina humoral não constitui uma simples

⁵ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, I*. São Paulo: Paulus, 2007, p.117.

transposição de teorias; ela representa um corte epistemológico em relação às doutrinas médico-filosóficas anteriores, embora se inspire na teoria das quatro raízes de Empédocles, o autor do tratado *A natureza do homem* não adota o método empregado pelo filósofo de Agrigento em medicina, visto que este deduzia suas teorias médicas sobre a constituição do homem de suas teorias filosóficas sobre a constituição do universo⁶.

Um das obras do *Corpus Hipocraticum*, *O mal sagrado* é a obra de Hipócrates de mais destaque. Mal sagrado ou doença sagrada, na antiguidade, era a epilepsia. Na obra, há várias críticas aos falsos médicos e charlatões que pregavam que a epilepsia era castigo divino. Esses magos recorriam a fábulas religiosas e faziam os doentes acreditarem que seu mal era de desobediência, a fim de lucrarem com isso.

Os magos, charlatões usavam de um argumento convincente para obrigarem os doentes a um tratamento rígido e desagradável. Prescreviam penitências, encantamentos e uma dieta pouco conveniente aos doentes. Escreve Hipócrates:

Essas observâncias foram impostas por eles em vista do caráter divino do mal, com ares de sábios e alegando diversas causas, a fim de que, se o doente sarasse, a glória fosse atribuída à habilidade deles e,

se ele morresse, eles teriam as apologias todas prontas e poderiam desviar de si a responsabilidade pelo mal e atirá-las aos deuses. Para mim, o corpo do homem não é o que há de mais frágil; ela é o que há de mais puro⁷.

Ele acreditava que o corpo de um homem não poderia ser contaminado por um deus, e sim purificado e santificado, quando atingido por um agente externo. Hipócrates dizia que essa doença era de temperamento fleumático, em que o cérebro, na sua formação, não foi bem limpo, por isso o sangue resfriado pela fleuma se coagularia e obstruía as veias. O ar seria impedido de chegar ao cérebro, o centro das funções, e isso resultaria na crise.

A causa deste mal estaria nos mesmos fatores de outras doenças, isto é, no que vem e no que vai, na friagem, no sol, nos ventos, ou seja, qualquer alteração do seco e úmido, quente e frio. Portanto, Hipócrates conclui: aquele que souber provocar no homem uma mudança desse tipo e puder, através do regime, tornar o corpo da pessoa úmido, seco, quente e frio, será capaz também de curar essa doença, com a condição de distinguir a oportunidade dos meios úteis, sem as purificações, os artifícios mágicos e todo esse charlatanismo.

⁶ FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC Rio/Loyola, 2004, p.53-54.

⁷ HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar*. O juramento e outros textos. São Paulo: Landy, 2002, p.114.

Outro tratado de grande repercussão é *Ares, águas e Lugares*, escrito na segunda metade do século V a.C., um texto dirigido ao médico viajante que encontra nos seus destinos vários tipos de clima e povos com natureza diversa. Para Hipócrates as características físicas e morais de seus habitantes são condicionados pelo meio ambiente.

O livro é dividido em duas partes. A primeira aponta para as questões que interferem no estado sanitário de uma população. Esta trata em relação ao contexto natural em que o homem está inserido, ou seja, os fatores externos que interferem na saúde do homem, o ambiente em que ele vive e que devem ser identificados pelo médico ao chegar à cidade. Tais fatores são: as estações do ano – pois os ciclos fisiológicos seguem os ciclos da natureza e, assim, sofrem alterações em função das modificações do clima – a natureza dos ventos, das águas, do solo e o tipo de regime alimentar dos habitantes. REALE e ANTISERI dizem que:

O pleno conhecimento de cada caso individual, portanto, depende do conhecimento do conjunto do dessas coordenadas, o que significa que, para compreender a parte, é preciso compreender o todo ao qual a parte pertence. A natureza dos lugares e do que os caracteriza incide sobre a constituição e o aspecto dos homens, e, portanto, sobre a saúde e sobre as doenças.

O médico que quer curar o doente deve conhecer precisamente essas correspondências⁸.

Já na segunda parte do tratado, Hipócrates faz uma comparação entre os asiáticos e os europeus, estabelecendo a relação ente *phýsis* e *nómos*, entre natureza e cultura. FRIAS argumenta que a grande originalidade de *Ares, águas, lugares* encontra-se na segunda parte, na qual o autor, sem abandonar sua tese, a influência dos fatores climáticos sobre os estados de saúde e de doença, passa a examinar também a ação do ambiente físico sobre a interioridade do homem, seu caráter, suas virtudes⁹.

Descreve que na Ásia o clima é ameno, ou seja, não há grandes mudanças de clima, os homens dessa região são belos, de boa estatura e dóceis, porém não são corajosos e impetuosos. Já os povos do Mar de Azov têm variações climáticas presentes, com vegetação mais selvagem e mais densa, por isso o autor acreditava que os homens dessa região eram mais impetuosos por assimilarem a região. FRIAS explica que a analogia entre as naturezas remete a uma causa comum,

⁸ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, I*. São Paulo: Paulus, 2007, p.116.

⁹ FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC Rio/Loyola, 2004, p.65.

o clima, pois a configuração dos corpos depende, em última análise, das mudanças de estações¹⁰.

Ainda no mesmo tratado, Hipócrates dizia que havia como prevenir as enfermidades a cada ano. Dizia que há observações que ajudavam a prever se o ano seria salubre ou insalubre. Se não houver alguma alteração nos sinais que acompanham o pôr-do-sol e o levante dos astros, as estações seguirem seu ritmo normal e natural, então o ano será saudável. Mas se as estações não seguirem esse curso normal as enfermidades surgem na população, por exemplo: se a primavera for austral e chuvosa, seguir-se de um inverno setentrional e seco, o verão trará necessariamente febres, oftalmia e disenterias.

Hipócrates, além da estatura de ciência dada à Medicina, ainda edificou um estatuto ético do médico, o *ethos*. Ele escreveu, para si, uma conduta própria que ficou conhecida como o *Juramento de Hipócrates*. Transcrevemos aqui o seguinte trecho:

Aplicarei os regimes para o bem dos doentes, segundo o meu saber e a minha razão, e nunca para prejudicar ou fazer mal a quem quer que seja. [...] Na casa onde eu for, entrarei apenas pelo bem do doente, abstendo-me de qualquer mal voluntário, de toda sedução, e sobretudo dos prazeres do amor

com mulheres ou com homens, sejam livres ou escravos; o que no exercício ou fora do exercício e no comércio da vida, eu vir ou ouvir, que não me seja necessário revelar, conservarei em segredo. Se cumprir esse juramento com fidelidade, goze eu minha vida e minha arte com boa reputação entre os homens, e para sempre; mas se dele me afastar ou violá-lo, suceda-me ao contrário¹¹.

Destacamos a importância que Hipócrates deu para a realização do bem no exercício de sua profissão, o dever de não se aproveitar da fragilidade do outro para obter vantagens sexuais para si. Ele praticamente inaugura o dever do sigilo profissional para a preservação moral dos pacientes e ainda se coloca responsável por seus atos, deixando para si todo o ônus de possíveis falhas, ou seja, a responsabilidade pelo que pratica. O *Juramento de Hipócrates* continua mais atual do que nunca, principalmente nas práticas de Saúde atuais, com a seguinte ressalva: ele vislumbra apenas as obrigações éticas profissionais do médico em relação a seus pacientes. Não há previsão alguma sobre os direitos dos pacientes, inclusive ostenta-se uma negativa neste sentido. A posição de Hipócrates sobre o aborto ou o suicídio assistido – eutanásia – não deixa dúvida de que a vontade do paciente não deve servir de parâmetro

¹⁰ Idem.

¹¹ HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, Amar*. O juramento e outros textos. São Paulo: Landy, 2002, p.18.

para o profissional. Apesar disso, o artigo ainda sustenta a atualidade de Hipócrates, porque sua unilateralidade é tão próxima das unilateralidades que temos hoje coibindo ou subvencionando avanços considerados necessários ou perigosos à ética estabelecida no âmbito da Saúde.

3 PLATÃO E A SAÚDE

Platão nasceu em Atenas, em 428/427 a.C. Seu verdadeiro nome era Aristócles. Platão é apelido que alguns explicam ter derivado de seu vigor físico ou da extensão de sua testa, pois, em grego *platos* significa *extensão, amplitude e largueza*.¹² Foi inicialmente discípulo de Crátilo, seguidor de Heráclito e, depois, discípulo de Sócrates. E foi a partir do que aprendeu com Sócrates que Platão desenvolveu seus pensamentos. Aliás, Sócrates deve a Platão o fato de seus ensinamentos serem registrados, pois Sócrates somente ensinava e não escrevia.

O homem para Platão é constituído de dois componentes ou de duas dimensões: o corpo e a alma. A alma é algo que, sem o corpo, não poderia exercer as suas funções, porém, como diz REALE, o corpo é algo

antitético à alma, ou seja, um obstáculo às funções que lhes são próprias.

No *Crátilo*, no *Górgias* e no *Fedro*, Platão descreve a imagem do corpo como um túmulo da alma, baseando-se na semelhança do termo *soma*, que significa *corpo*, com o termo *sema*, que significa *túmulo*, os quais se diferenciam pela troca de uma letra. Ainda no *Fedro*, Platão coloca o corpo como uma concha de ostra: “Não tínhamos mácula e tampouco contato com este sepulcro que é nosso corpo ao qual estamos ligados, como a ostra à sua concha”¹³.

No *Fédon*, o corpo é colocado de forma negativa. Ele diz que as paixões, os medos, as vaidades são impedimentos à alma, no que se refere à vida moral e à cognoscitiva, pois o corpo é dotado dos sentidos. O homem, para conhecer a si próprio, deve libertar-se dos sentidos e das paixões, ou seja, separar a alma do corpo. E é a morte que opera, de modo total, essa separação: “Com efeito, se, associados ao corpo, nada podemos conhecer com clareza, das duas uma: ou tal aquisição da sabedoria não existe, ou apenas se concretiza após a morte, precisamente

¹² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, I*. São Paulo: Paulus, 2007, p.125.

¹³ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.87.

quando a alma existir em si e por si, independentemente do corpo.¹⁴

O homem, para Platão, é o equilíbrio entre o corpo e a alma. Ele considerava que a união entre os dois componentes era de forma natural, ou melhor, divina. A alma é de natureza imortal e o corpo, de natureza mortal. Por isso, ele dizia que o corpo era um instrumento da alma, o veículo da alma. Verifica-se isso claramente na passagem do *Timeu*:

Limitando a forma do universo, os deuses construíram as duas revoluções divinas num corpo esférico, a parte que chamamos agora de nossa cabeça, sendo esta a parte mais divina e soberana de todas as nossa demais partes. Montaram então o resto do corpo, entregando todo o seu conjunto à cabeça, para que esse conjunto a servisse, imbuídos da noção de que devia ela participar de todos os movimentos que deviam existir. Assim, para que ela não rolasse sobre o solo, que possui toda ordem de altos e baixos, e ficasse desorientada quanto a como escalar os primeiros e descer dos segundos, eles a ela conferiram o corpo como um veículo e meio de transporte¹⁵.

No *Político*, a saúde do corpo do homem é apresentada como a *justa medida, justo meio, justa proporção, o equilíbrio* do organismo consigo mesmo. A quebra dessa justa medida era entendida como as enfermidades.

Segundo REALE, existem três grupos de enfermidades do corpo para Platão.¹⁶ O primeiro grupo é a perturbação que ocorre na própria composição dos quatro elementos de que é constituído o corpo do homem (água, ar, fogo e terra). A enfermidade ocorre quando há excesso ou falta de um dos elementos, ou quando há um deslocamento de algum deles com a natureza. Observe:

De fato, nossa opinião é a de que somente adicionando ou retirando a mesma coisa da mesma coisa na ordem e maneira idênticas e na proporção correta se permitirá que essa última permaneça segura e íntegra na sua identidade consigo mesma. Tudo quanto, porém, vier a exceder uma outra dessas condições em sua saída ou ingresso produzirá múltiplas e variadas alterações e incontáveis enfermidades e corrupções¹⁷.

As enfermidades do segundo grupo surgem a partir de perturbações nos elementos secundários, ou seja, na medula, carne, ossos, nervos, etc. As perturbações ocorrem quando os elementos que dão origem a estes secundários, não se formam em proporção, gerando assim um declínio na natureza do corpo. Já o terceiro grupo relaciona-se ao ar, às secreções do nariz e à bÍlis. As doenças derivam da

¹⁴ PLATÃO. *Fédon*. Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa Oficial do Estado, 2000, p.44.

¹⁵ PLATÃO. *Diálogos V. O Banquete*. Mênon, *Timeu*, *Crítias*. Bauru-SP: EDIPRO, 2010, p.197-198.

¹⁶ REALE, Giovanni. *Corpo, alma e saúde*. O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002, p.193.

¹⁷ PLATÃO. *Diálogos V. O Banquete*. Mênon, *Timeu*, *Crítias*. Bauru-SP: EDIPRO, 2010, p.249-250.

quantidade de ar ou de secreção de bÍlis em maior ou menor proporção, ou ainda em excesso ou falta.¹⁸

Para Platão, a cura do corpo está mais na justa medida da dieta e da ginástica do que a justa medida dos medicamentos da medicina, pois a ginástica e a dieta previnem as enfermidades, enquanto a medicina as cura depois de instauradas. Para ele, o homem devia se preocupar mais com a prevenção do que a cura. Porém a saúde ideal do homem não está no cuidado do corpo e sim no cuidado da alma, pois só pode curar adequadamente o corpo curando a alma. É de se notar a atualidade desse pensamento de Platão, precedente e em sintonia com as políticas públicas da Saúde que têm investido muito nas medidas preventivas de doenças.

Platão coloca o cuidado e a saúde da alma como virtude ou *areté*. A virtude é a proporção entre o *excesso* e a *falta*, ou seja, a *justa medida*. Porém, ela se manifesta de várias maneiras, porque a alma é tripartida em *irascível*, que parece ser responsável pelos desejos e paixões; em *concupiscível*, que parece estar ligada à ira e instintos de agressões; e a *racional*, que é uma

força capaz de frear e opor resistência contrária às duas anteriores. A virtude de cada uma dessas partes realizará a função que lhe é cabível da melhor forma possível, em consonância com a função específica de cada uma:

As virtudes são a sapiência, fortaleza e a temperança, e existe ainda uma quarta virtude a justiça que regula os nexos entre as três funções da alma nas relações recíprocas. A sapiência é a ciência do Bem, relaciona-se às escolhas e ao que se deve fazer, então é a arete da alma racional. A coragem consiste em saber manter a fidelidade às coisas que devem ser feitas e devem ser evitadas, e portanto é a arete da alma irascível. Na temperança manifesta-se particularmente a natureza da Arete como harmonia e equilíbrio, realização do justo meio, enquanto consiste na subordinação dos instintos às partes superiores da alma e especialmente à razão, e, portanto na subordinação da concupiscível à alma irascível e, sobretudo, à alma racional. A justiça, enfim, consiste numa harmonia das forças da alma e, portanto, numa consonância das virtudes individuais: cada uma das partes da alma realiza a função que lhe compete na justa medida, a justiça realiza a multiplicidade das forças psíquicas¹⁹.

A maioria das enfermidades não tem origem na alma, mas são produzidas por certas condições do corpo que influenciam a alma. Geralmente, as enfermidades da alma originam-se da insensatez, que pode ser loucura ou ignorância.

¹⁸ REALE, Giovanni. *Corpo, alma e saúde*. O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002, p.193-194.

¹⁹ REALE, Giovanni. *Corpo, alma e saúde*. O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002, p.220-221.

Nota-se que a justa medida é o critério base do pensamento platônico para a cura do corpo e da alma. Ela não se aplica apenas nas dimensões do homem, mas também, na proporção da alma e do corpo, pois da falta de medida entre os dois componentes do homem derivam grandes enfermidades. Isso se verifica no *Timeu*:

De fato, no tocante à saúde e à doença, a virtude e ao vício, não há proporção ou ausência de proporção maior do que aquela existente entre a própria alma e o próprio corpo. Mas no que se refere a uma ou ao outro, falamos totalmente na tarefa de perceber tal coisa ou refletir sobre ela toda vez que um corpo mais frágil e inferior é o veículo de uma alma vigorosa e grandiosa em todos os aspectos, ou, ao inverso quando cada um dos dois pertence ao tipo oposto, situação em que falta beleza ao ser vivo como um todo em função de ser ele desproporcional relativamente à mais importante das proporções, enquanto um ser vivo que se acha na condição oposta constitui para aquele que tem olhos para ver, entre todas as visões, a mais bela e a mais admirável²⁰.

E, ainda no *Timeu*, ele diz que um corpo, quando é bonito e grande, a alma nele é pequena e frágil, conseqüentemente, os desejos do corpo predominam e escondem os desejos da alma, resultando na alma a maior de todas as doenças: a ignorância. Ao contrário, quando a alma é superior ao corpo, ela o enche de doenças de dentro

para fora e enganam os médicos que atribuem a doença a uma causa errada.

Observe:

Sempre que a alma no interior do corpo é mais forte do que ele e se excita, ela o agita e o enche de dentro para fora de doenças; quando a alma devota-se ardentemente a algum estudo de investigação, ela desgasta o corpo; além disso, quando ele se envolve, pública e privadamente, em ensinamentos e combates verbais realizados em meio à controvérsia e à alteração, ela inflama o corpo e o abala, induzindo-o a defluxos; o resultado é a alma enganar a maioria dos chamados médicos, fazendo-os atribuir a doença a uma causa errada. Por outro lado, quando um corpo grande é associado a um intelecto insignificante e débil considerando que dois desejos atuam naturalmente nos seres humanos, ou seja aquele pela sabedoria que favorece a parte mais divina em nós – os movimentos da parte mais forte predominam e promovem o aumento de seu próprio poder, com o que tornam as funções da alma comprometidas com a obtusidade, a estupidez e o esquecimento; a conseqüência é a produção no seio da alma da maior de todas as doenças, nomeadamente a ignorância²¹.

O tratamento terapêutico de Platão para as doenças tanto do corpo como da alma é mais atual do que nunca, como pode ser verificado no trecho abaixo, ainda do *Timeu*:

Para esses dois males há tão-só uma salvação: não empregar a alma sem o concurso do corpo nem o corpo sem o concurso da alma, de modo que possam estar de maneira mútua regularmente equilibrados e

²⁰ PLATÃO. *Diálogos V. O Banquete. Mênon, Timeu, Crítias*. Bauru-SP: EDIPRO, 2010, p.257.

²¹ PLATÃO. *Diálogos V. O Banquete. Mênon, Timeu, Crítias*. Bauru-SP: EDIPRO, 2010, p.257-258.

sadios. Assim, o matemático, ou o aficionado ardente de qualquer outra matéria, que mantém uma atividade árdua com seu intelecto, precisa igualmente submeter-se seu corpo ao exercício praticando ginástica; por outro lado, aquele que é cioso no que toca a modelar o corpo deve, por sua vez, ativar sua alma se devotando às artes liberais e a todos os ramos da filosofia, se um ou outro quiser ser merecedor de ser classificado com justiça como belo e bom²².

O *Timeu* é, dos diálogos de Platão, o que mais propriamente trata do corpo em relação saúde como resultado de um equilíbrio dos elementos. A obra recebe o nome do principal interlocutor do diálogo, além de Sócrates, Hemócrates e Crítias. *Timeu* era filósofo e nativo de Locris, cidade italiana, onde ocupou cargos importantes e posições de honra. Platão o considerava mestre da filosofia. A. Rivaud comenta que o diálogo ressalta a ousadia de Platão que, mesmo reconhecendo imperfeições em sua obra, avança nos estudos sobre astronomia, física e medicina. Tal ousadia tem, como pano de fundo, a confiança que o filósofo deposita na força da razão, na teoria das idéias, na existência das formas imutáveis e de um universo ordenado, do qual se poderia conhecer as leis eternas²³.

²² PLATÃO. *Diálogos V. O Banquete*. Mênon, *Timeu*, Crítias. Bauru-SP: EDIPRO, 2010, p.258.

²³ Apud: FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC Rio/Loyola, 2004, p. 85.

4 CONCLUSÃO

A medicina da antiguidade representa uma cultura de metodologia avançada e constrói um perfil ético de caráter profissional para o médico, o qual serviria de modelo para as práticas médicas atuais. Conforme JAEGER, sem a medicina, não seriam possíveis os diálogos de Platão nem a ciência ética de Sócrates, pois, de todas as ciências humanas conhecidas, é a medicina que tem com ela mais afinidade²⁴.

A medicina aqui merece destaque não só pelo fato de anteceder a *medicina da alma* de Sócrates, mas também pelo fato de ela sair do campo profissional e passar para uma cultura de primeira escolha para os gregos. JAEGER ainda coloca que a medicina moderna, apesar de nascer da medicina antiga e cheia de tributos tecnológicos, nunca conseguirá ser tão universal como foi na antiguidade, pois a especialidade exigida no campo profissional de hoje impede essa universalidade em saúde²⁵.

A medicina moderna, metodologicamente, se rege pelo postulado cartesiano das *partes que*

²⁴ JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1001.

²⁵ JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.1002.

podem explicar o todo, coisa muito estranha ao pensamento grego. Para Platão, a saúde do homem é concebida de forma universal, de modo que o cuidado desse mesmo homem deve ser como um todo. Jamais, em Platão, partes levam ao todo. Assim, sob presidência da alma racional, a saúde do corpo é resultado de uma compreensão geral de sua constituição e natureza.

Há uma diferença consideravelmente importante entre a medicina de Hipócrates e os escritos de Platão sobre a saúde. A doença da alma que, antes, era um sintoma de uma doença física, com Platão, passa a ser a alma a precursora das enfermidades do corpo. Nota-se que a saúde do homem está no todo, ou seja, na alma e no

corpo e não somente em um dos componentes isolados. Podemos relacionar esse ensino deixado por Platão à humanização em Saúde que hoje, no Brasil, é uma das políticas de base do Ministério da Saúde. Humanizar é assistir o homem na sua totalidade, corpo e alma, física e mental. A terapêutica não pode ser realizada somente na patologia física, pois, como visto, os sentimentos influenciam as enfermidades ou podem ser a causa delas. Uma boa reflexão sobre as recomendações da filosofia platônica sobre o cuidado do homem pode nos levar a significados profundos sobre a humanização em Saúde.

REFERÊNCIAS

FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC Rio/Loyola, 2004.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, Amar*. O juramento e outros textos. São Paulo: Landy, 2002.

JAEGER, Werner. *Paidéia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Fédon*. Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

_____. *Diálogos V*. O Banquete. Mênon, Timeu, Crítias. Bauru-SP: EDIPRO, 2010.

_____. *Diálogos IV*. Parmênides, Político, Filebo, Lísias. Bauru-SP: EDIPRO, 2009.

_____. *Diálogos*. Critão – Menão – Hípias Maior e outros. Belém-PA: UFPA, 2007.

_____. *República*. São Paulo: Best Seller, 2002.

REALE, Giovanni. *Corpo, alma e saúde*. O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. v. I. São Paulo: Paulus, 2007.

Recebido em: 26 set. 2011

Aprovado em: 21 fev. 2012